

Construções infinitivas com verbos causativos e perceptivos na diacronia do português

Alexandra Fiéis & Ana Madeira
CLUNL / FCSH-UNL

Abstract

We describe the diachronic changes which affected the infinitival complements of causative and perception predicates in Portuguese and discuss whether there is any connection between the emergence of the inflected infinitive and other changes. The analysis of Old Portuguese and Classical Portuguese *corpora* shows no evidence that ECM structures were more defective in earlier stages of the language; instead, there may be a link between the increased number of occurrences of clitics and negation in the infinitival domain and the increased productivity of ECM structures. However, we argue that the emergence of inflected infinitives is unrelated to these phenomena.

Keywords: infinitives causative and perception verbs, diachrony, clitic climbing, inflected infinitive

Palavras-chave: infinitivos, verbos causativos e perceptivos, diacronia, subida de clítico, infinitivo flexionado

1. Introdução

O presente trabalho tem três objetivos principais: em primeiro lugar, caracterizar as construções com verbos causativos e perceptivos em Português Antigo (PA); em segundo lugar, discutir, para estas construções, a possível relação entre o surgimento do infinitivo flexionado e outras mudanças observadas na diacronia do português; e, finalmente, comparar as mudanças observadas em contextos com predicados causativos e perceptivos com as que ocorreram com predicados de reestruturação.

Assim, na secção 2, apresentamos uma súmula de algumas das análises sobre reestruturação com verbos de controlo em Português Europeu Contemporâneo (PEC) e em PA. Na secção 3, procuraremos caracterizar as propriedades das construções com verbos causativos e perceptivos em PEC e investigar a sua evolução na diacronia do português. Na secção 4, e após a revisão de alguma literatura e da descrição das propriedades das construções com verbos causativos e perceptivos em PEC, PA e Português Clássico (PCI)¹, observaremos alguns exemplos ilustrativos do comportamento das construções em discussão, nomeadamente, o tipo de estruturas existentes no PA e no PCI, e descreveremos algumas mudanças observadas diacronicamente do PA para o PEC, na construção *fazer-inf*

¹ Por conveniência terminológica, utilizamos, neste trabalho, a designação *Português Clássico*, seguindo os autores citados (Andrade, 2010; Tannin, 2011), para referir o período do séc. XVI ao séc. XIX.

e na construção ECM. Na secção 5, apresentamos as conclusões mais relevantes a retirar deste trabalho.

2. Reestruturação com Predicados de Controlo

É sabido que, em PEC *standard*, os verbos de controlo não têm um comportamento uniforme no que respeita à reestruturação (Gonçalves, 1999): enquanto verbos como *querer* permitem reestruturação (evidenciada pela opcionalidade de subida do clítico (SC) do domínio infinitivo para o domínio matriz), verbos como *decidir* excluem esta possibilidade (1).

- (1)a. *O João não os quis ler.*
 a'. *O João não quis lê-los.*
 b. **O João não os decidiu ler.*
 b'. *O João não decidiu lê-los.*

(Gonçalves, 1999: 217)

De acordo com Gonçalves (1999), os verbos de controlo dividem-se, assim, em dois grupos, como se mostra em (2):

(2)a. Grupo I (verbos que permitem reestruturação): *conseguir, desejar, pretender, querer, tencionar, tentar...*

b. Grupo II (verbos que não permitem reestruturação): *ameaçar, decidir, esperar, jurar, prometer, recear, recusar, resolver...*

(*Idem*: 220-221)

Existe, porém, alguma evidência que contraria esta bipartição dos verbos de controlo quanto à possibilidade de reestruturação. Em particular, observam-se divergências nos juízos de falantes da variedade *standard*, relativamente ao comportamento dos diferentes verbos. Assim, enquanto alguns falantes rejeitam a SC, exceto com verbos como *querer, conseguir, tentar, tencionar*, outros aceitam-na praticamente com todos os verbos (Fiéis & Madeira, 2012). Esta variação é evidente também nos juízos apresentados por diferentes autores, como se pode observar em (3), com o verbo *ousar*:

(3)a. **Não se ousava levantar / Não ousava levantar-se* (Martins, 2000: 185)

b. *O João não lhe ousa telefonar* (Duarte, 2003: 857)

Em variedades não *standard*, a SC é permitida com um maior número de verbos do que na variedade mais conservadora do português *standard* (cf. Magro, 2004).

(4) *Durante 250 metros ainda o nigeriano Sunday Bada o ousou desafiar, mas isso saiu-lhe caro: acabou em último.* (CETEMPúblico, ext1055879)

(5) *Não sei porque é que me resolvem sempre telefonar quando tenho outra coisa para fazer.* (Magro, 2004: 18)

Ao contrário do que se verifica no PEC *standard*, em PA observa-se maioritariamente SC não só com *querer* e *desejar* mas também com verbos como *ousar* e *esperar* (cf. também Martins 1994, 2000) (6-7). Com o verbo *prometer*, contudo, o clítico tende a ocorrer no domínio infinitivo (8).

(6) *E porque o ousou fazer peyte al rey XX marauidis.* [1280? FR]

(7) *Ai, senhor Galaaz, muito há que vos desegei a veer, ca muito ouí de vós falar*
[séc. XV DSG]

(8) *prometo á ámala. e a querer ssa prol* [1278 CA31]

Já em PCI, observa-se opcionalidade entre subida e não subida de clítico com verbos como *querer*, *ousar*, *desejar* e *esperar* (embora a ocorrência de SC seja menos frequente com estes dois últimos verbos do que com *querer*, de acordo com Andrade, 2010), o que constitui indício de que o predomínio da SC começa a diminuir nestes contextos. Esta ideia vai ao encontro da observação de que o número de verbos que obrigam à subida do clítico diminui neste período (cf. Martins, 2000; Andrade, 2010).

(9) a. *Desejo ver-vos muitos alívios*

b. *só vos digo que estimei as vossas novas, e as desejo merecer com todos os afectos de verdadeiro amigo da alma*

[1631, Chagas, Cartas Espirituais]

Em suma, face à variação encontrada, e uma vez que não se observa, aparentemente, qualquer correlação entre esta variação e mudanças das propriedades semânticas dos verbos considerados, podemos concluir que a possibilidade de reestruturação é determinada exclusivamente pelas propriedades de seleção dos verbos (Fiéis & Madeira, 2012). Assim, os efeitos de reestruturação decorrem da defetividade estrutural do complemento infinitivo selecionado. Os dados do PA revelam que (alguns) verbos de controlo permitem a seleção de complementos infinitivos mais ou menos defetivos, observando-se, diacronicamente, um incremento na frequência da ocorrência de alguns destes verbos com uma estrutura funcional mais rica.

3. Predicados Causativos e Percetivos

Para além dos verbos de controlo, outros tipos de predicados que, em PEC, exibem a possibilidade de SC são os predicados causativos e percetivos. Nesta secção, procuraremos caracterizar as propriedades destas construções em PEC e investigar a sua evolução na diacronia do português².

3.1. Os dados do PEC

Tanto os verbos causativos como os percetivos permitem complementos infinitivos flexionados (10a). Quando selecionam um complemento infinitivo não flexionado, ambos podem ocorrer quer numa construção de atribuição excecional de caso (ECM), em que o sujeito da oração infinitiva recebe caso Acusativo (10b), quer numa construção de ‘união de orações’ (Raposo, 1981) ou *fazer-inf* (Kayne, 1975), com a formação de um predicado complexo (10c)³.

(10) a. *O diretor mandou / viu os alunos entrarem*

b. *O diretor mandou / viu os alunos entrar*

c. *O diretor mandou / viu entrar os alunos*

² Os dados utilizados neste estudo foram retirados dos seguintes *corpora* informatizados:

- *Corpus* Informatizado do Português Medieval (textos do séc. XII a XV):

<http://cipm.fch.unl.pt>

- *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe:

www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/

- *Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público:

www.linguateca.pt/cetempublico/

³ Os verbos percetivos (mas não os causativos) podem ainda selecionar um complemento infinitivo introduzido por *a*; esta construção é conhecida como ‘construção infinitiva preposicional’ (Prepositional Infinitival Construction/PIC) (Raposo, 1989):

(i) O diretor viu os alunos a entrar(em)

Ao contrário da construção ECM, na construção *fazer-inf* a ordem dos constituintes aparece alterada, observando-se também mudanças das funções sintáticas dos argumentos do infinitivo. Assim, o argumento interno de um verbo inacusativo como *entrar*, que é realizado como sujeito na construção ECM (11a), ocorre como complemento direto na construção *fazer-inf* (11b); o argumento externo de um verbo transitivo como *limpar*, realizado como sujeito na construção ECM (12a), ocorre como complemento indireto na construção *fazer-inf* (12b). Isto significa que, no caso de verbos ditransitivos como *entregar*, o argumento externo (o sujeito do infinitivo ECM (13a)) só pode ser realizado, na construção *fazer-inf*, na ausência do complemento indireto (13b).

- (11) a. *O diretor mandou [os alunos]_{SUJ} entrar*
b. *O diretor mandou entrar [os alunos]_{OD}*
- (12) a. *O diretor mandou [os alunos]_{SUJ} limpar [a sala]_{OD}*
b. *O diretor mandou limpar [a sala]_{OD} [aos alunos]_{OI}*
- (13) a. *O diretor mandou [os alunos]_{SUJ} entregar [o livro]_{OD} [ao professor]_{OI}*
b. *O diretor mandou entregar [o livro]_{OD} (*[ao professor]_{OI}) [aos alunos]_{OI}*

As duas construções diferem também quanto à possibilidade de SC, que está excluída na construção ECM (14a-b), mas é obrigatória com *fazer-inf* (14c-d).

- (14) a. **O diretor mandou-a os alunos limpar*
b. *O diretor mandou os alunos limpá-la*
c. *O diretor mandou-a limpar aos alunos*
d. **O diretor mandou limpá-la aos alunos*

Do mesmo modo, só a construção ECM é compatível com a ocorrência de negação no domínio infinitivo (15).

- (15) a. *O diretor mandou os alunos não sujar a sala*
b. **O diretor mandou não sujar a sala aos alunos*

No entanto, as duas construções têm uma propriedade em comum: a possibilidade de intervenção de material lexical entre os dois verbos (16).

- (16) a. *O diretor mandou primeiro os alunos entrar*
 a'. *O diretor mandou primeiro entrar os alunos*
 b. *A que horas mandou o diretor os alunos entrar?*
 b'. *A que horas mandou o diretor entrar os alunos?*

Assumiremos, seguindo Gonçalves (1999) e outros autores, que os complementos dos verbos causativos e perceptivos se distribuem segundo uma “escala de defetividade”: enquanto os complementos de infinitivo flexionado correspondem estruturalmente a AgrSP, os complementos ECM correspondem a TP e as construções *fazer-inf* a CausP (Gonçalves, 1999) ou a VP (Guasti, 1993). Neste último caso, verifica-se a formação de um predicado complexo, constituído pelo verbo causativo/perceptivo e pelo infinitivo.

3.2. Os dados do Português Antigo

Nos dados do PA, ao contrário do que se observa em PEC, os verbos causativos/perceptivos ocorrem apenas em estruturas *fazer-inf* e ECM, como se exemplifica em (17) e (18)⁴, respetivamente.

- (17) a. *vejo filhar ryjo descontentamento aos que muyto de ssy presumem*
 [1437/1438?, LC]
 b. *faz arder as brasas mortas e os carvoões em fogo* [1437/1438?, LC]
 (18) a. *E vi minha madre jazer atolada e~ fogo* [séc. XIII/XIV, VS2]
 b. *Começarõ entõ de andar cõtra o Inferno. e aly vyo o senhor das tréévas. e vyo as
 almas padecer muitas penas* [séc. XIII/XIV, VS5]
 c. *A justiça deue a mandar hu~u portej'ro a éla dizer* [1350?, CS4]
 d. *Ca se el rey ou os alcaydes mādare~ a outros omees per carta ou per parauoa
 juygar alguus preytos* [1280?, FR]

Com a construção *fazer-inf*, à semelhança do PEC, a SC parece ser obrigatória, uma vez que não há ocorrências de clíticos no domínio infinitivo nos dados do PA (cf. (19)).

- (19) a. *E envioulhe o conde dom Nuno mover preitesya que o soltasse e [que]
 levarya seu yrmãõ a soterrar e que, depois que fosse soterrado, que se [verrya] [meter]*

⁴ Um revisor anónimo sugere que os exemplos (18b-c) podem ser analisados como estruturas de infinitivo flexionado. No entanto, consideramos que não é esse o caso, uma vez que Martins (2006) mostra que o aparecimento do infinitivo flexionado nestas construções é mais tardio, tornando-se frequente apenas a partir do séc. XVI.

[en] *sua prison e que desto lhe farya menagen, elle e outros con elle.*

[séc. XIV, CGE]

b. *fazemos la aséélar de nossos séélos* [1257, HGP020]

c. *sse o ffezerom saber a elas* [1342, CHP124]

d. *Quando el-rei se ouvio chamar treedor nom lhe prougue*

[séc. XV DSG]

Já relativamente às estruturas ECM, tal como esperado, não foram encontradas ocorrências de SC, registando-se apenas cliticização do sujeito da infinitiva, como se pode ver em (20):

(20) a. *E o papa enviou-o rogar que se tornasse pera sa terra*

[séc. XIV, NLL005]

b. *& out(r)os muytos q(ue) o uirõ e o oyron fazer esta carta*

[1278, HGP025]

Porém, ao contrário do que acontece no PEC, a presença de negação no domínio infinitivo não está atestada e as ocorrências de clíticos são raras, na linha do que também observou Martins (2004, 2006):

(21) a. *E un dia que dormindo a achou soa, a un seu mouro logo mandou deitar-sse con ela*

(*Cantigas de Santa Maria*, séc. XIII. Sousa Fernández 1998:68, *apud* Martins 2006)

b. *nõ leyxe a nenhuu traballarse no preyto por ajudar a hu~a parte*

[1280?, FR]

De acordo com a proposta de Martins, o facto de poder haver cliticização no domínio infinitivo em complementos ECM não contraria a ideia de que estes não são IP plenos, mas sim domínios mais defetivos. Assim, a ocorrência de clíticos nestes domínios não será indício de maior riqueza funcional dos complementos ECM relativamente a *fazer*-inf, uma vez que estaremos perante casos de cliticização morfológica e não sintática.

Ao contrário do que observámos para o PEC, até ao século XVI, não há ocorrências de infinitivo flexionado nestes contextos. Segundo Martins (2006), os casos aparentes de infinitivos flexionados com verbos causativos e percetivos correspondem a orações

independentes (com valor imperativo ou optativo) em estruturas de coordenação, como as que se exemplificam em (22), que, por serem ambíguas, terão conduzido à reanálise do infinitivo flexionado independente como complemento de um verbo finito elidido.

(22) a. *mandando o dicto moesteiro sseu certo procurador **estar** aa mjddida delles na eira **E Reçebello** aa dicta portagem* [1472, DN192]

b. *mandamos ende fazer esta carta & **sééllar la** cõ nosso séélo colgado*
[1307, HGP032]

c. *Quando a voontade carnal se quer deitar a aquellas cousas ja dictas, e esta nom lho consente, mais **fazlhe sofrer** fame, sede, sono e **despoersse** a grandes perigoos e trabalhos, despesas e cuydados quando o entender e razom determinom que he bem de sse fazer.* [1437/1438?, LC]

Martins (2006) argumenta que a emergência do infinitivo flexionado nestes contextos está associada a mudanças ocorridas também em estruturas com verbos de Controlo, sobretudo a partir do século XVI, o que representa um ponto de viragem para os verbos causativos e percetivos. Também de acordo com Andrade (2010) e Trannin (2011), por exemplo, estes verbos, à semelhança do que aconteceu com outros verbos que selecionam complementos infinitivos, começam a ser afetados por um processo de desgramaticalização, o qual se traduz num enriquecimento da estrutura funcional dos complementos infinitivos, que torna possível a ocorrência de clíticos e de negação.

3.3. Os dados do Português Clássico

No PCI, mantém-se o predomínio de SC como a opção não marcada em complementos infinitivos (Andrade, 2010). Em construções *fazer-inf*, a SC é obrigatória, como exemplificado em (23):

(23) *E logo deram posse daquelas terras ao Governador, **que as mandou actualmente tomar por Dom Garcia de Castro**, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foram entregar* [PCI-Couto, 1542]

(Andrade, 2010: 226).

Para além disso, os exemplos de ECM inequívoco, como os de (24), são em número muito reduzido.

(24) a. *vejo a um escravo comprado por cinco xerafins **fazer-se** senhor de muitas rendas* [Cartas de Afonso de Albuquerque, séc 16. Pato 1884:35, apud Martins 2006]

b. *Quere o Embaixador que o busquem sem advertência para receber um enviado em "roba de chambre" ou **fazer esperá-lo** até se vestir, e quere que, no mesmo tempo, haja outras visitas contra a ordem do ceremonial.*

[PCI-Brochado, 1651] (Andrade, 2010: 227)

c. e *mandava-a **cerzir a baeta**, ao que ele assistia dando a sua sentença, pondo os óculos e colocando-se ao lado da velha numa posição caricata.*

[PCI-M.es Alorna, 1802] (*Idem*)

Segundo Andrade (2010), foi também ao longo do período clássico que, “enquanto a construção de “reestruturação” apresentou queda na manifestação da subida de clíticos, a construção de “união de orações” apresentou diminuição face a uma construção bioracional, a “marcação excepcional de Caso” (Andrade, 2010: 308). Na análise do autor, este facto será consequência de um enriquecimento da estrutura funcional, que fez com que a ocorrência de mais material no domínio infinitivo fosse possível.

Assim, Andrade, com base em dados estatísticos recolhidos a partir do seu *corpus* do PCI, observa que, no período entre 1500-1550, predominava a construção de “união de orações”, com 80% do total de ocorrências, contra apenas 3% de ECM inequívocos, e 17% de construções ambíguas. Por seu turno, entre 1776-1850, desaparece o predomínio da construção de “união de orações”, correspondendo apenas a 39,5% de ocorrências, a construção ECM mantém-se praticamente sem alterações, 4%, e a percentagem de construções ambíguas, como as de (25) (com verbos intransitivos/inacusativos com clíticos de 3ª pessoa, em (25a) e com verbos transitivos com clíticos de 1ª ou de 2ª pessoa, em (25b)), aumenta significativamente, somando 56,5% do total das ocorrências. Assinala-se como relevante o facto de a diminuição do número de construções de *fazer-inf* estar diretamente relacionada com o aumento das construções ambíguas.

(25) a. *porque a tradição, e a história **a fazem renascer** a cada instante*

[PCI-Aires, 1705]

b. *Folgara que **me mandaram fazer** despropósitos tôda a vida e que eu os fizera sem carranca nem esgravatar com o júízo*

[PCI-Chagas, 1631] (*Idem*: 228)

Este aumento de construções ambíguas *dever-se-á*, de acordo com Trannin (2011), ao aumento do número de ocorrências de estruturas causativas com verbos intransitivos, a partir do século XVII.

Segundo a autora, existe uma relação clara entre o tipo de verbo causativo e tipo de construção em que ocorre.⁵ Assim, nos séculos XVI e XVII, havia um predomínio de *mandar*, na construção *fazer-por*⁶ (cf. (26a)); nos séculos XVIII e XIX, predominava *fazer*, na construção *fazer-inf* (cf. (26b)); enquanto, com o verbo *deixar*, ao longo deste período, não se observou variação relevante na frequência de ocorrência, encontrando-se preferencialmente na construção ECM (cf. (26c)).

(26) a. *Sua mulher me mandou chamar hontem por Dom Alexandre, e a achei lastimosíssima* [A. Vieira, 1608a]

b. *O ciúme fez perder a vida a Mariana, porque seu marido Herodes não pôde sofrer que se amasse a sua formosura.* [C. de Oliveira, 1702]

c. Assim, *deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida.* [A. Garrett, 1799] (*apud* Trannin, 2011: 2208-10)

Também segundo Trannin (2011), a ocorrência de negação e de clíticos em estruturas ECM constitui evidência de enriquecimento funcional do domínio infinitivo, como se pode observar em (27). Este aumento no número de clíticos e de negação é também sinónimo de que a construção ECM se tornou mais produtiva. No entanto, a autora situa esta mudança, de acordo com os seus dados, apenas no século XVII.

(27) a. [...] *porque a natural inclinação de correr para o seu centro, para aquela origem donde saíram, os faz não parar até não chegar ao seu fim último.*

[A. das Chagas, 1631]

b. *Porque, se o verem-nos sòmente embaraçados com Castela os fez não duvidar de se fazerem senhores de nossas conquistas;* [A. Vieira, 1608a]

⁵ Um aspeto a considerar, na linha do que é proposto em Gonçalves & Duarte (2001), é a semântica dos verbos que ocorrem nestas construções. Assim, enquanto o verbo *mandar*, que funciona como um declarativo de ordem, impõe restrições de intencionalidade tanto ao causador como ao causado, *fazer* não impõe restrições de intencionalidade a nenhum dos dois, como se pode observar pelo contraste em (28).

(i) a. *O pó fez os miúdos espirrarem*
 b. **O vento mandou os miúdos entrar em casa*
 c. *Os donos fizeram as laranjas cair das árvores*
 d. **Os donos mandaram as laranjas cair das árvores*

(Gonçalves & Duarte, 2001: 660-1)

⁶ A construção *fazer-por* apresenta as mesmas propriedades que a construção *fazer-inf*.

c. *Elas me enfeitiçaram de novo, e elas são que me fazem dizer-vos:*

[C. de Oliveira, 1702]

d. [...] *não me deixará fazer-lhe uma leve prova?* [A. das Chagas, 1631] (Trannin, 2011: 2210)

Além disso, os dados recolhidos pela autora (séculos XVI a XIX) mostram que não há ocorrências de infinitivos flexionados nestas estruturas. Para reforçar esta afirmação, fornece alguns exemplos com o causado no plural, nas quais o verbo não exibe qualquer marca de flexão.

(28) *A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e mandam seus criados prevenir o aposento.* [A. das Chagas, 1631] (Trannin, 2011: 2210)

Estes dados contrariam o que apresenta Martins (2004), que fornece dados de infinitivos flexionados no PCI nestes contextos (29).

(29) *Vejo, senhor, também nam me mamdardes armas nem jemte nem nenhum aparelho de guerra* [Afonso de Albuquerque, Cartas. Pato 1884: 35, *apud* Martins, 2004, ex. 34]

Procuraremos mostrar, na próxima secção, que, ao contrário do que defendemos para os complementos dos verbos de controlo, as diferenças observadas nestas construções entre o PA e o PCI se devem, não a um enriquecimento da estrutura funcional do domínio infinitivo, mas sim a efeitos de frequência da ocorrência dos dois tipos de estruturas selecionados pelos verbos causativos e percetivos nestes períodos.

4. Caracterização da mudança e algumas conclusões

Apresentamos, nesta secção, alguns exemplos ilustrativos do comportamento das construções em discussão. Começamos, em 4.1., com a descrição do tipo de estruturas existentes no PA e no PCI. De seguida, apresentamos algumas mudanças observadas diacronicamente do PA para o PEC, na construção *fazer-inf* e na construção ECM, em 4.2. e 4.3., respetivamente.

4.1. Relativamente ao tipo de estrutura

A pouca representatividade (aparente) de clíticos no domínio infinitivo observada em complementos ECM no PA (cf. 3.2.) poderá estar relacionada, não com a maior defetividade destes complementos, como propõe Martins (2006), mas com a maior frequência de verbos que favorecem a construção *fazer-inf*. Num estudo baseado num *corpus* do PA dos séculos XIII e XIV, Silva (2003) mostra que as ocorrências de construções causativas com *fazer* e *mandar* (que favorecem construções de ‘união de orações’) superam em muito as construções com *deixar* (que privilegiam construções ECM). Assim, há 203 ocorrências de estruturas com *fazer*, 171 com *mandar* e apenas 25 com *deixar* (*Idem*: 229).

A partir da análise dos dados do PCI, observa-se, segundo Trannin (2011), que a construção *fazer-por* com o verbo *mandar* predominou durante todo o PCI, tendo-se mantido dominante até ao século XVII. É exatamente durante o período clássico que o número de ocorrências desta construção diminui gradualmente até desaparecer por completo (não ocorre no PEC⁷). Relativamente a *fazer-inf* com o verbo *fazer*, por seu turno, predominou nos séculos XVIII e XIX, enquanto a construção ECM com o verbo *deixar* se manteve estável, registando um número significativamente menor de ocorrências.

Isto poderá explicar as diferenças de frequência das construções em que cada verbo ocorre preferencialmente, no PA e no PCI. Ou seja, uma análise no sentido da especialização poderá explicar por que razão existem mais exemplos de ‘união de orações’ no PA e ao longo do período clássico, uma vez que predominavam os verbos *mandar* e *fazer* neste tipo de construção.

Considerando que os complementos ECM são de facto domínios defetivos, esperar-se-ia, no entanto, que tivessem uma estrutura funcional mais rica do que a construção de ‘união de orações’. Assim, o facto de podermos encontrar clíticos realizados nesses domínios (ver exemplos (24a-b) acima) não é surpreendente. Por outro lado, se estivéssemos perante casos de cliticização morfológica, como defende Martins (2006), por não existirem, no domínio infinitivo, posições funcionais para alojar o clítico, esperaríamos encontrar um número maior de ocorrências quer nestes contextos quer com outros verbos que selecionem infinitivos, como os verbos de controlo (cf. Secção 2), o que não se verifica.

⁷ É possível, porém, que esta construção possa ocorrer ainda em variedades não *standard* do PEC. Pereira (2012: 42, n. 87) apresenta o seguinte exemplo do *corpus* CORDIAL-SIN:

(i) *Vão lá à quinta, que há-de lá estar um que eu mandei fazer por um tipo acolá*

Em suma, face a estes dados, poder-se-á colocar a hipótese de que a escassa frequência de clíticos no domínio infinitivo no PA e no PCI se relaciona com a fraca representatividade da construção de ECM.

4.2. Mudanças do PA para o PEC na construção *fazer-inf*

Relativamente a mudanças observáveis do PA para o PEC na construção *fazer-inf*, há a salientar que a ordem de constituintes no PA admitia mais possibilidades do que aquelas que são permitidas no PEC.

No PA, na construção *fazer-inf*, era possível encontrar quer expressões adverbiais quer complementos entre o verbo causativo e o verbo infinitivo (cf. (30) e (31), respetivamente), e era também possível a ocorrência de sujeitos invertidos, como se mostra em (32).

(30) *Com estes dous convidados e allguu~s seus se foi o Bispo aa mais alta torre da See homde estam os sinos **mamdando primeiro fechar** aa de dentro todallas portas da egreja* [séc XV CDJI1]

(31) *Eu **ouvi dela falar** a muitos homens bõõs.* [séc. XV DSG]

(32) *Em todo esto, tam gramde era o amor que cuidava FernamdAfonso que lhe el Rei tinha, que aimda pensava que todo esto era fingido, e olhava pera as janellas do paço, se **o mandaria el Rei levar**: e iso mesmo cuidavam todollos que erã presentes.*

[séc. XV CDJI2]

A ordem ilustrada em (31) pode ser explicada pela análise proposta em Martins (2006), segundo a qual a possibilidade de ordens OV, no PA, decorre da opção de *scrambling* a IP. No entanto, nestes termos, teremos de analisar a estrutura *fazer-inf* como um IP (defetivo), o que implicaria que, na passagem do PA para o PEC, estas estruturas teriam sofrido um empobrecimento estrutural (recorde-se que as análises propostas para o PEC e para outras línguas românicas contemporâneas apontam para uma estrutura funcional bastante reduzida para estas construções, cf. 3.1.).

4.3. Mudanças do PA para o PEC na construção ECM

Já na construção ECM, do PA para o PEC, observou-se um aumento significativo de ocorrências de clíticos no complemento infinitivo. Observámos acima que, nestes contextos, se registam ocorrências de clíticos, se bem que raras, no *corpus* do PA (cf. exemplo (21)). Também a negação no infinitivo se torna mais significativa. No entanto,

convém salientar que já no PA se encontram alguns exemplos de negação no domínio infinitivo, como se mostra em (33).

(33) *mas por embargar o entender **faz o coração nom sentir tam ryjo** aquel cuydado que o mais atormenta* [1437/1438?, LC]

Face a estes dados, podemos afirmar que não existe evidência de que a estrutura ECM seja mais defetiva no PA do que no PEC. Neste sentido, o aumento do número de ocorrências de clíticos e de negação pode ser explicado pela maior frequência da construção de ECM (a partir do período clássico), como propomos na secção 4.2., e não por mudanças a nível da estrutura funcional.

Assim, ao contrário do que defende, por exemplo, Andrade (2010), não nos parece ser possível falar em enriquecimento funcional do domínio infinitivo, uma vez que as construções ECM e *fazer-inf* já estavam atestadas no PA. Tendo isto em conta, os dados descritos por Andrade não evidenciarão uma mudança ao nível da gramática, mais especificamente, das propriedades de seleção dos verbos causativos e percetivos, mas sim uma mudança na frequência relativa das duas construções.

A par da seleção de complementos defetivos, ECM e *fazer-inf*, verificou-se que estes verbos adquiriram a possibilidade de selecionar complementos infinitivos estruturalmente mais ricos, i.e. infinitivos flexionados. Embora não tenhamos uma quantificação das ocorrências de infinitivos flexionados nestes contextos, tudo aponta para que fossem pouco frequentes. De facto, nos *corpora* analisados por Trannin (2011), não há ocorrências inequívocas de infinitivos flexionados.

Outro aspeto importante a salientar é que o aumento do uso de infinitivos com flexão explícita nestes contextos é muito mais tardio, ou seja, não há coincidência entre a emergência do infinitivo flexionado e o aumento de frequência da ocorrência de clíticos e de negação nos complementos dos verbos causativos, ao contrário do que defende Martins (2006). Este facto é também observado por Trannin (2011), que, como vimos em 3.3., não encontra evidências para uma coincidência entre os fenómenos.

Em nosso entender, não parece haver dados empíricos que permitam estabelecer uma correlação entre as aparentes mudanças observadas nos complementos ECM e *fazer-inf* e o surgimento do infinitivo flexionado inequívoco em orações complemento de verbos causativos e percetivos.

Por outro lado, com outros verbos (elevação e controlo) que, como vimos na secção 2. acima (para os verbos de controlo), sofreram uma mudança das suas propriedades

selecionais, passando a permitir a realização de complementos infinitivos funcionalmente mais complexos ao longo do período clássico, também existe evidência clara do surgimento de infinitivos flexionados (34). Estes verbos ocorrem, igualmente, em estruturas de coordenação com elipse do verbo superior no PA (35), as quais terão sido os contextos propiciadores da emergência do infinitivo flexionado com verbos causativos e perceptivos, segundo Martins (2006).

(34) *Também costumam todos arrancarem a barba* [Gândavo (b. 1502)]

(35) *E nos deuemos de pôer A meyatade da seme~te E daruos may hu~u sesteyro de pam meyado pera custos e preços e gouernhos do dicto CasaL E poerdes uos A outra meyatade da sseme~te E uos ão deuedes em Alhear ne~ partir o dito CasaL mays deue senpre dandar Ju~tamente en hu~a pesõa só* [1381
DN145]

Estes dados levantam questões quanto à hipótese de Martins (2006), que defende que a possibilidade de realização do sujeito infinitivo em estruturas com verbos causativos e perceptivos terá contribuído para a emergência do infinitivo flexionado apenas nestes contextos. Julgamos que esta hipótese carece de sustentação mais sólida, uma vez que o infinitivo flexionado começou por emergir noutros contextos, nomeadamente, com verbos de controlo. Em nosso entender, terá de haver uma história alternativa que explique a emergência de infinitivo flexionado nos contextos em apreço, que desenvolveremos em trabalho futuro.

5. Conclusão

Neste trabalho, apresentámos alguns dados que nos permitiram caracterizar as construções com verbos causativos e perceptivos em PA, e também em PCI.

Em função da análise apresentada, parece-nos que não há evidência para afirmar que as estruturas ECM eram mais defetivas em PA e PCI do que em PEC. Por outro lado, parece-nos plausível que poderá existir uma relação entre o aumento significativo do número de ocorrências de clíticos e de negação no domínio infinitivo e o aumento da frequência das estruturas ECM.

No entanto, julgamos não haver evidência inequívoca para estabelecer uma relação entre a emergência do infinitivo flexionado nos complementos dos verbos causativos e

perceptivos e o aumento de frequência da ocorrência de clíticos e de negação nestes contextos.

Referências

- Andrade, A. (2010) *A subida de clíticos em português: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Campinas.
- Fiéis, A.; Madeira, A. (2012) Predicados de Controlo na Diacronia do Português. *Textos Selecionados do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 271-284.
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. & Duarte, I. (2001) Construções causativas em português europeu e em português brasileiro. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 657-671.
- Guasti, T. (1993) *Causative and Perception Verbs*. Turim: Rosenberg & Sellier.
- Kayne, R. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press.
- Magro, C. (2004) O fenómeno de Subida do Clítico à luz de dados não-standard do PE. Ms. Trabalho realizado no âmbito do seminário *Temas de Sintaxe II*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (2006) Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. In Gess, R. S. & D. Arteaga (eds.) *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 327-355.
- Martins, A. M. (2004) Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. In A.M. Brito, O. Figueiredo & C. Barros (orgs.) *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Universidade do Porto, pp. 197-225.
- Martins, A. M. (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In J. Costa (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: OUP, pp. 169-190.
- Martins, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

- Pereira, S. (2012) *Protótipo de um glossário dos dialetos portugueses com informação sintática*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa
- Raposo, E. (1989) Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese. In: O. Jaeggli & K. Safir (eds.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, pp. 277-305.
- Raposo, E. (1981) *A Construção União de Orações na Gramática do Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Silva, C. (2003) *A Complementação Infinitiva em Textos Latinos dos sécs. XI e XII e Textos Portugueses dos sécs. XIII e XIV*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Trannin, J. (2011) Estudo histórico do infinitivo com verbos causativos no Português Europeu. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*. Curitiba, pp. 2207-2218.